

A INDÚSTRIA DO TRIGO NO BRASIL E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL

A INDÚSTRIA DO TRIGO NO BRASIL E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL

SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO	05
1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE TRIGO	15
2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR DE TRIGO BRASILEIRO	33
3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE TRIGO NO BRASIL	38
ANEXOS	43
ANEXO 1 - APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL (NCM)	43
ANEXO 2 - AGREGAÇÃO DOS 23 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMENCLATURA COMUM DO SUL - NCM E SUA PARTICIPAÇÃO NA PAUTA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL.....	44
ANEXO 3 - LISTA DE ABREVIações	45

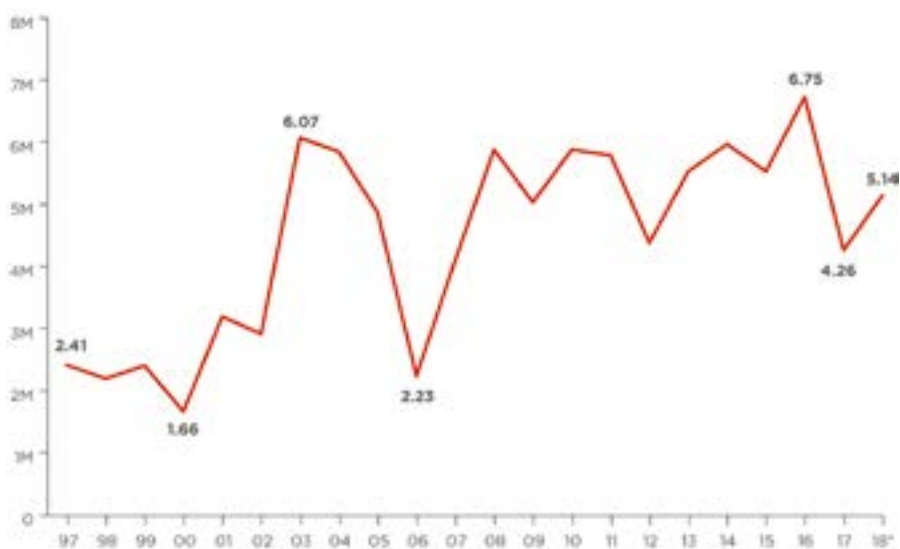
RESUMO EXECUTIVO

TRIGO: UM DOS GRÃOS MAIS CONSUMIDOS NO BRASIL E NO PLANETA

- O trigo está entre os principais grãos produzidos no mundo e é o segundo alimento mais consumido à nível global, atrás apenas do milho. Em 2017 foram produzidas mais de 740 milhões de toneladas no mundo.
- A relevância é também nacional, no Brasil, além de ser um alimento frequente na mesa dos brasileiros, está presente em 133 mil propriedades rurais, e movimenta uma cadeia produtiva com quase 800 mil pessoas. Em 2017 o consumo do grão chegou a 11 milhões de toneladas, mas a produção interna foi de 4,26 milhões toneladas e o Brasil é apenas o 19º produtor mundial. A expectativa é de que essa produção atinja 5,14 milhões toneladas em 2018, mas esse volume ainda não seria suficiente para abastecer o mercado interno.
- A produção brasileira de trigo vem sofrendo oscilações ao longo dos anos e ainda se mostra altamente dependente de fatores climáticos para definir as taxas de sucesso ao final de cada colheita

Gráfico 01

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TRIGO ENTRE 1997 E 2018* (EM MILHÕES TONELADAS)



Fonte: Conab.¹

*Estimativa em agosto/2018.

¹-Disponível em: www.conab.gov.br

- Apesar das oscilações, a produção de trigo no Brasil saltou a partir de 2006, ano em que houve forte estiagem, e se mantém em níveis acima de 4 toneladas ao ano desde então. Esses aumentos foram impulsionados por ganhos de produtividade, percebido pelo aumento da produção e redução da área plantada. Além disso também houve contribuição do clima, que se manteve mais favorável, os grãos que vêm ganhando mais qualidade e da adoção de tecnologias adequadas de manejo da lavoura.
- Além de perceber aumento na produtividade do grão, o Brasil também esteve frente a uma alteração no padrão de consumo nos últimos anos. Após a crise de 2014, a queda no poder aquisitivo do brasileiro se refletiu em queda na alimentação fora de casa, aumentando o consumo domiciliar de ingredientes como farinha de trigo e pão.
- Apesar desse aumento de consumo e ganhos de produtividade o Brasil ainda se encontra em uma posição de importador de trigo, dado que outras culturas ou práticas são preferidas em detrimento do trigo, como arroz e pecuária na região Sul do país.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TRIGO E DE SEUS DERIVADOS: DEPENDÊNCIA DO MERCADO EXTERNO

- Enquanto o Brasil se apresenta como o 19º produtor mundial de trigo, com uma produção de cerca de 4,26 milhões de toneladas, economias como União Europeia, China, Índia e Rússia, dominam a produção mundial. Essas economias produzem juntas 465 milhões de toneladas de trigo, respondendo por 61% da produção mundial. no ano de 2017.

Tabela 01

PRODUÇÃO MUNDIAL DE TRIGO PARA A SAFRA 2017/2018 (EM MILHÕES DE TONELADAS)

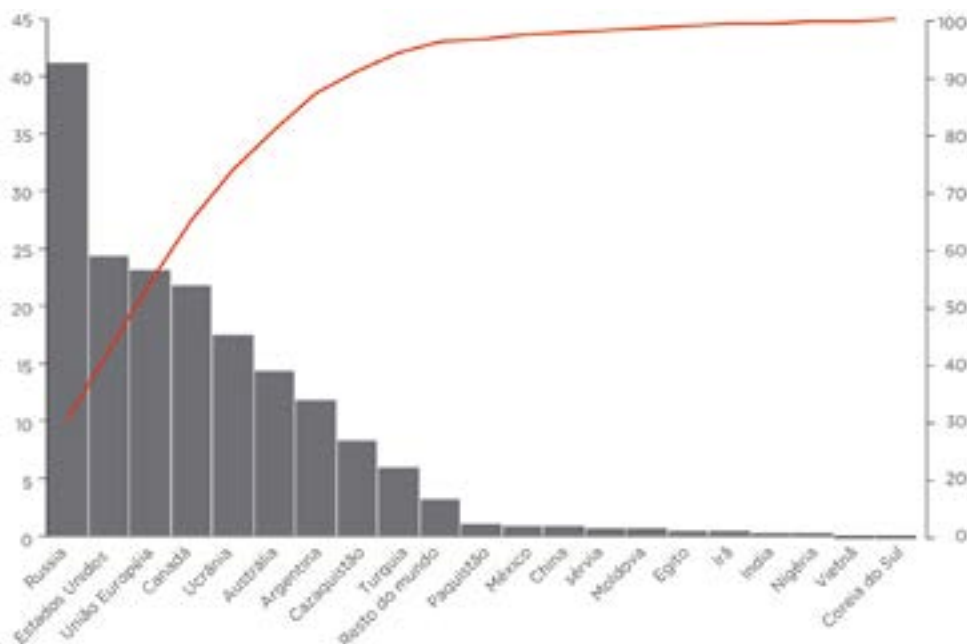
PAÍS	VOLUME	%
UNIÃO EUROPEIA	152	20,01
CHINA	130	17,12
ÍNDIA	99	13,00
RÚSSIA	85	11,21
ESTADOS UNIDOS	47	6,25
CANADÁ	30	3,96
UCRÂNIA	27	3,56
PAQUISTÃO	27	3,52
AUSTRÁLIA	21	2,81
TURQUIA	21	2,77
OUTROS	120	15,80
MUNDO	758	100

Fonte: USDA.²

- Apesar de economias como União Europeia, China e Índia dominarem a produção de trigo no mundo, apenas a União Europeia encontra-se entre os grandes exportadores globais, e ocupa a terceira posição, atrás de Rússia e Estados Unidos.

Gráfico 02

OS MAIORES EXPORTADORES DE TRIGO DO MUNDO EM 2017 (EM MILHÕES DE TONELADAS)



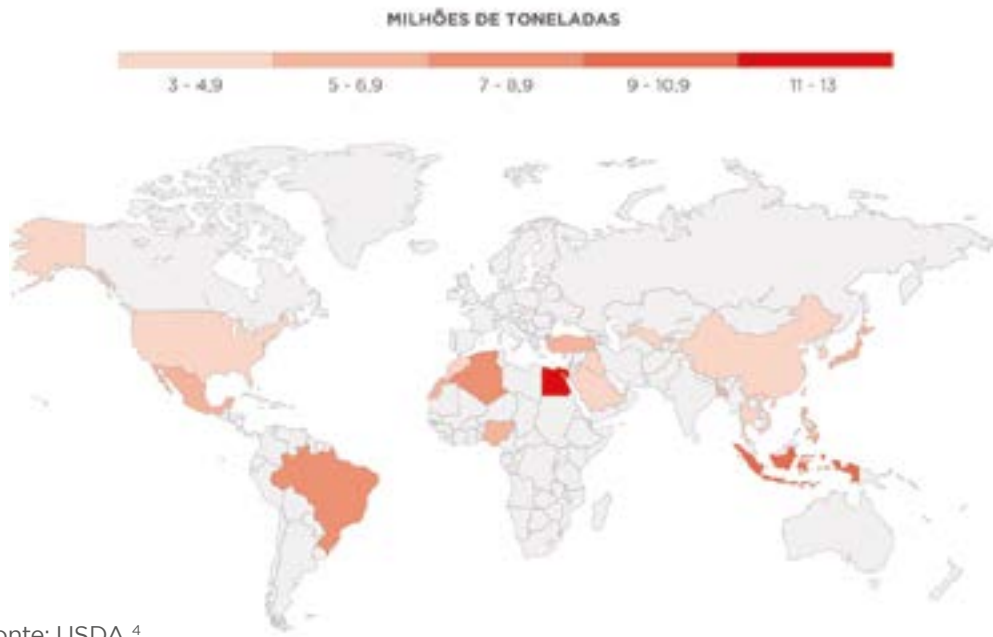
Fonte: USDA.³

- Apesar da grande expressividade dessas economias como produtoras e exportadoras de trigo no mundo, o grande parceiro comercial do Brasil nos últimos anos tem sido a Argentina, responsável por cerca de 81% do volume de trigo e derivados importados pelo Brasil, já que o país depende em grande parcela da importação para abastecer seu mercado interno.
- Toda essa dependência do mercado externo, e o grande volume de trigo importado nos últimos anos, coloca o Brasil em uma posição entre os principais importadores de trigo à nível mundial, ocupando a 4ª posição, atrás apenas do Egito, Indonésia e Argélia.

3-Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

Gráfico 03

OS 20 MAIORES IMPORTADORES DE TRIGO DO MUNDO EM 2017 (EM MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: USDA.⁴

INDÚSTRIA DO TRIGO: O PROTAGONISMO DA FARINHA DE TRIGO NO MERCADO NACIONAL

- No Brasil a maior parte da produção de trigo se concentra na região Sul do país, assim como 75% dos moinhos do país. Apesar disso o processo de produção de derivados do trigo escoa para o restante do país. Mesmo detendo 75% dos moinhos, a região Sul é responsável por cerca de 49% da moagem industrial, os 51% restantes ficam distribuídos entre as demais regiões brasileiras.
- O processo de industrialização é extremamente importante já que o trigo é um alimento que usualmente não é consumido em sua forma in natura, e seus derivados, como pães, massas, bolos e biscoitos, fazem parte do consumo diário de boa parte dos brasileiros. Apesar de não ser um grande produtor de trigo e depender do mercado externo para se abastecer, o Brasil importa majoritariamente o alimento natural, e posteriormente o produto importado é processado e industrializado dentro do próprio território brasileiro.

4-Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

Tabela 03

VOLUME COMERCIAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS PELA INDÚSTRIA BRASILEIRA DO TRIGO (EM MILHÕES DE TONELADAS)

PRODUTOS	2017		2018	
	VOLUME	%	VOLUME	%
TRIGO EXCETO PARA SEMEADURA	577	90.4	165	75.4
FARINHA DE TRIGO E MISTURA	19	3.0	7	3.2
MASSAS	7	1.1	10	4.4
PRODUTOS DE PADARIA, PASTELARIA, INDÚSTRIA DE BISCOITOS	2	5.0	34	15.5
GLÚTEN DE TRIGO, MESMO SECO	0	0.0	0	0.0
GRUMOS E SÊMOLAS, DE TRIGO	0	0.0	0	0.0
AMIDO DE TRIGO	0	0.0	0	0.0
SÊMEAS E OUTROS RESÍDUOS, DE TRIGO	0	0.0	0	0.0
TRIGO PARA SEMEADURA	0	0.0	1	0.3
PÃES E PANETONE	3	0.5	2	1.0
FARELO DE TRIGO	0	0.0	0	0.0
TOTAL	637.96	100	218.45	100

Fonte: Comex Stat (2018).⁵

- Após a industrialização, a farinha de trigo apresenta-se como um dos principais derivados desse setor no Brasil, já que serve como matéria prima para muitos alimentos. Mas apesar dessa cultura de consumidor de derivados do trigo que a população brasileira apresenta, alguns fatores econômicos influenciam no nível de consumo desses alimentos.
- O que se percebe no Brasil nos últimos anos são variações da economia que afetam o comércio de alimentos como um todo e, por consequência, o comércio de derivados do trigo. O setor de alimentos em 2016 foi a maior atividade comercial no Brasil e volume de vendas de alimentos tem se mantido positivo desde o início de 2017.

5-Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Gráfico 04

AS DEZ MAIORES ATIVIDADES COMERCIAIS NO BRASIL EM 2016



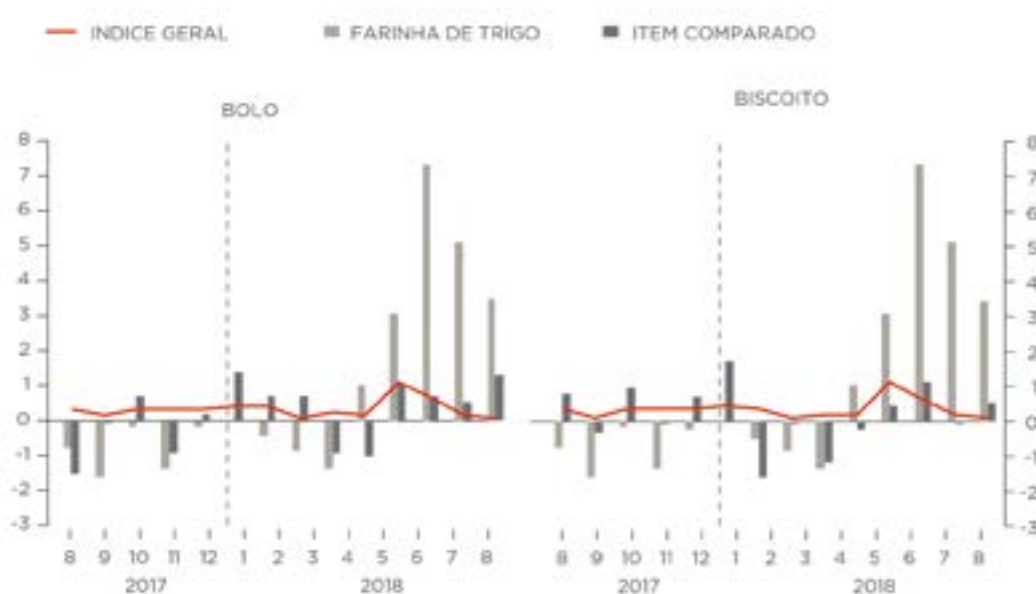
Fonte: IBGE - PAC.⁶

(1) Comércio por atacado de produtos farmacêuticos, perfumaria, cosméticos e artigos médicos, ópticos, ortopédicos, material escritório, papelaria e artigos de uso doméstico.

(2) Comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria, cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos.

- Além disso, também houve movimentos relevantes no preço pago pelos derivados do trigo no Brasil em relação ao índice geral da economia. A variação de preços dos derivados, de um modo geral, caminha no mesmo sentido, do índice de preços da economia, mas é percebida com mais intensidade, principalmente ao longo de 2018, mostrando que os preços dos derivados do trigo estão subindo mais do que os preços da economia como um todo.

Gráfico 05

PREÇO PAGO PELOS CONSUMIDORES PELOS PRODUTOS DO SETOR COMPARADO COM O IPCA ENTRE AGOSTO DE 2017 E SETEMBRO DE 2018


Fonte: Sidra - IBGE.⁷

- Os preços mais altos dos derivados do trigo, a partir de julho de 2018, tiveram alta e variaram mais fortemente que a inflação do período. Esse comportamento pode ser explicado pelas consecutivas altas da cotação do dólar no Brasil, consequência do período de instabilidade política, em função das eleições presidenciais, que atravessa o país.
- Dentro desse contexto também é importante ressaltar que a massa salarial real no Brasil vem se estabilizando desde meados de 2017. Esse é outro fator que afeta diretamente o consumo de alimentos no Brasil e como consequência a demanda por derivados do trigo. A estabilidade da massa salarial real representa sua valorização e com isso maior poder aquisitivo, esse fator também contribui para um maior consumo de alimento no Brasil.
- O que se espera, portanto, é que como o comércio de alimentos é representativo para os derivados do trigo, há o aumento do consumo dos produtos desse segmento, mas o aumento pode não ter se dado na mesma intensidade já que há o fator cambial, que incide diretamente nos preços desse segmento fazendo com que eles aumentem mais que a própria inflação acumulada no período.

7-Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>



1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE TRIGO

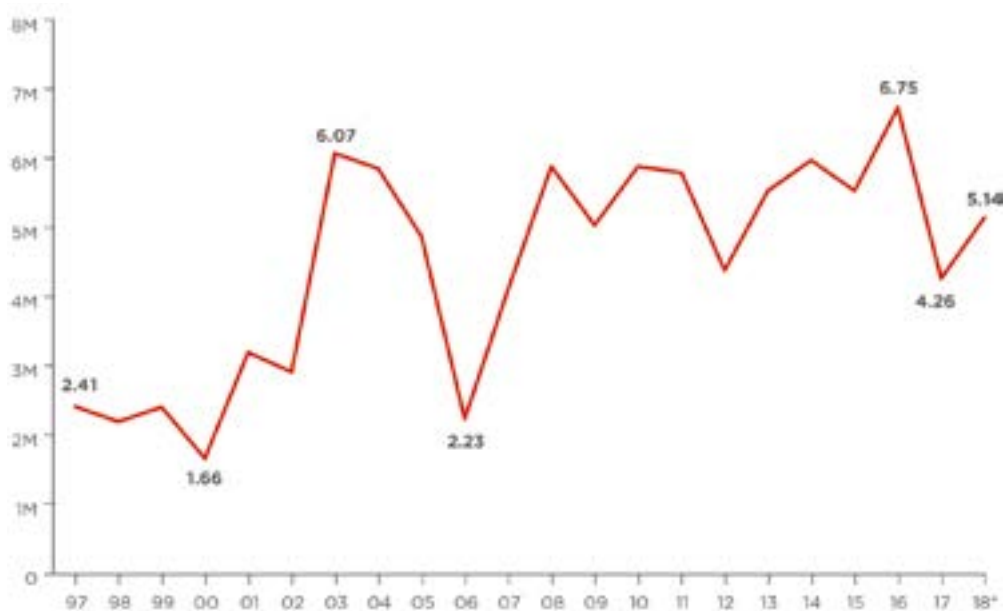
1.1 CADEIA DO TRIGO NO PONTO INICIAL: PRODUÇÃO PRIMÁRIA

A produção brasileira de trigo tem oscilado ao longo dos anos, com crescimento pronunciado em 2003, quando atingiu um volume de produção de 6,07 milhões de toneladas, como mostra o Gráfico 1. A expectativa nessa época era de que o Brasil até 2013 atingiria pleno abastecimento desse cereal, puxado principalmente pela ampliação do cultivo na região Centro-Oeste, com investimento em conhecimento e com a ajuda de difusão de técnicas de plantio direto.

Apesar das expectativas positivas o cenário previsto não foi o observado. A partir de 2003 a produção caiu consecutivamente até 2006, ano em que houve queda vertiginosa em relação à safra anterior.

Gráfico 01

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TRIGO ENTRE 1997 E 2018* (EM MILHÕES TONELADAS)



*Estimativa em agosto/2018.

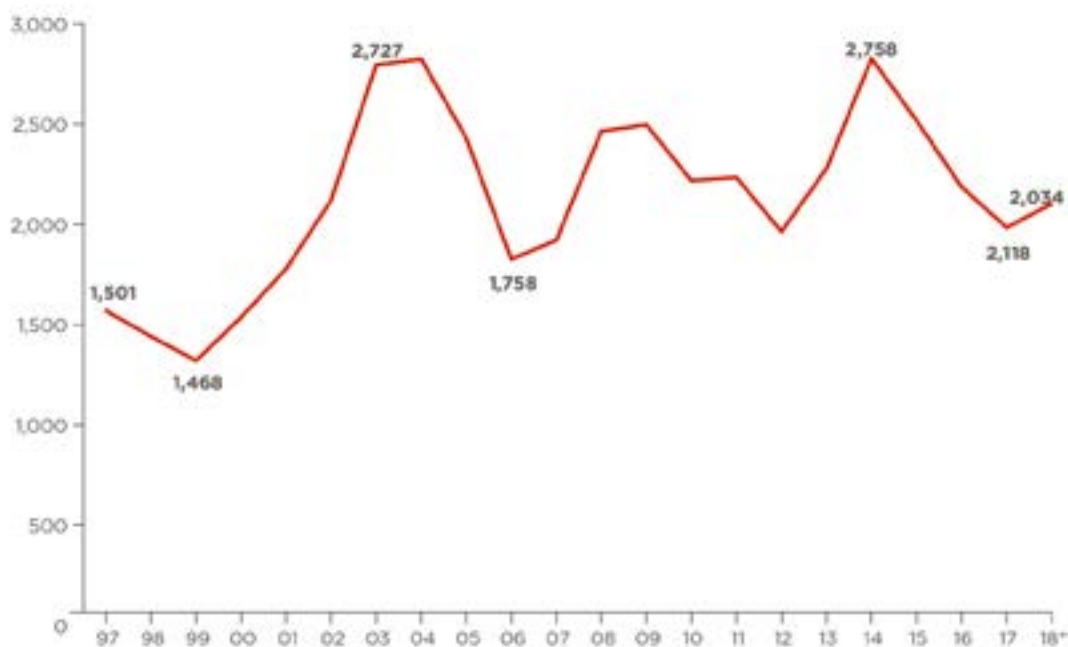
Fonte: Conab.⁸

8-Disponível em: www.conab.gov.br

Em 2005 a produção de trigo foi de 4,9 milhões de toneladas, mas no ano seguinte houve uma queda de 54% nessa produção, atingindo um volume de 2,2 milhões de toneladas. Essa queda é explicada por condições climática adversas, com a ausência de chuvas no período do plantio e geadas no período de enchimento do grão e finalmente na época da colheita houve chuvas em excesso. Além disso houve uma redução na área de plantio de 25%, como mostra o Gráfico 2 dados os preços baixos do mercado, desestimulando os agricultores.

Gráfico 02

ÁREA PLANTADA DO TRIGO ENTRE 1997 E 2018* NO BRASIL (EM MIL HECTARES)



*Estimativa em agosto de 2018.

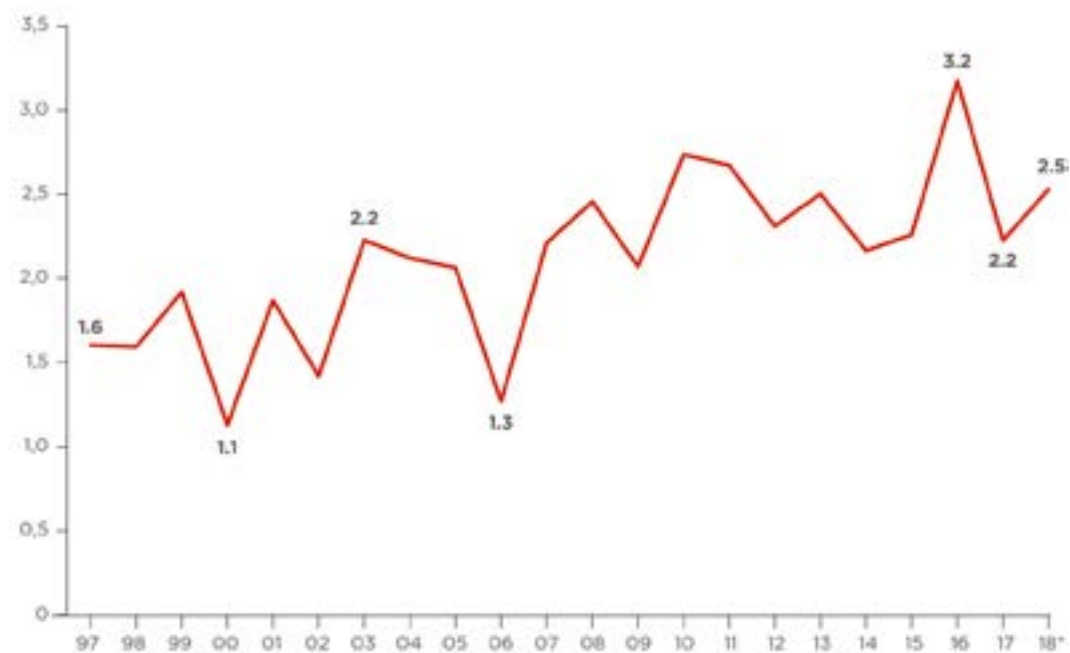
Fonte: Conab.⁹

As safras de 2007 e 2008 se reestabeleceram e com o aumento do rendimento médio, como mostra o Gráfico 3, da área plantada e com condições climáticas mais favoráveis, a produção voltou a crescer, atingindo novamente os patamares de 2004 e apresentando ganhos de produtividade em relação ao mesmo período. Desde então, apesar de ainda

apresentar oscilações, a safra do trigo não atingiu volumes tão baixos quanto os observados em 2000 e 2006, tanto em termos de produção quanto de produtividade. O ano de 2016 se apresentou como um ano de recordes, com pico de produção, quando foram produzidos 6,73 milhões de toneladas do grão, 21,5% a mais em relação à safra de 2015.

Gráfico 03

PRODUTIVIDADE DO TRIGO ENTRE 1997 E 2018* (EM TONELADAS POR HECTARE)



*Estimativa em agosto/2018.

Fonte: Conab.¹⁰

A produção recorde de 2016 se deu a ganhos de produtividade, que ultrapassou 3 toneladas por hectare, redução 13,5% da área plantada em relação à safra do ano anterior e maior qualidade do grão. A redução da área plantada é um fator também observado desde 2014 e que se estendeu até 2017, reforçando a ideia de que os ganhos de produção obtidos nesse período vieram de incrementos na produtividade. Além disso também contribuíram para esse resultado boas condições climáticas, com chuvas bem distribuídas e temperaturas mais amenas.

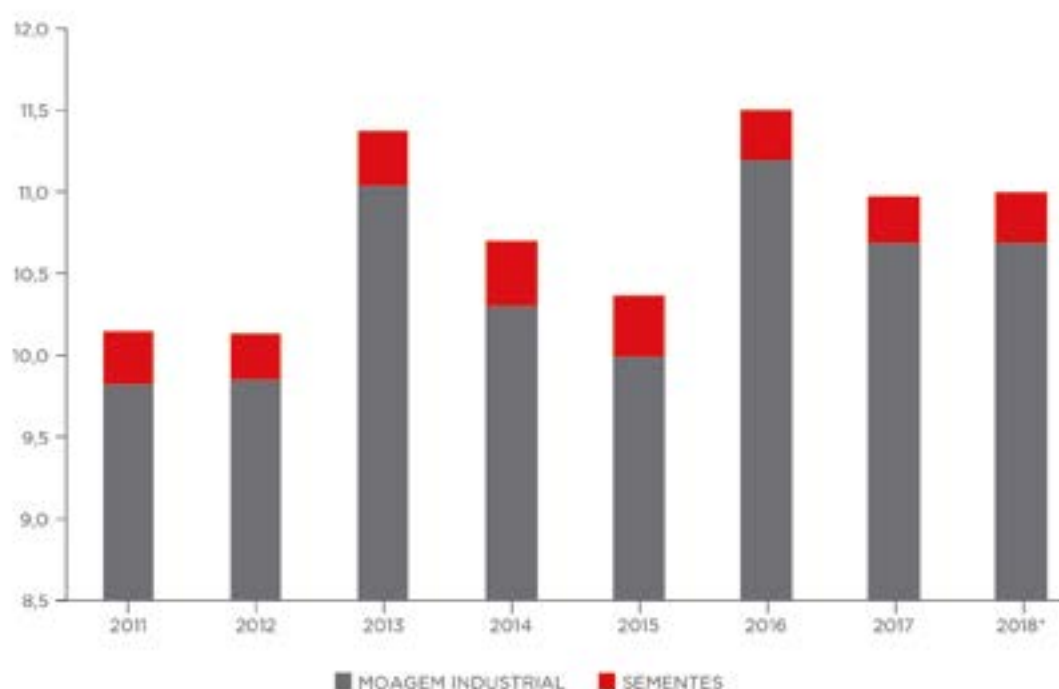
10- Disponível em: www.conab.gov.br

A safra de 2017 não se apresentou tão boa quanto a de 2016, com produção de 4,3 milhões de toneladas de trigo, queda de 36,6% em relação ao ano anterior, queda de 9,6% na área plantada e redução de 30% na produtividade com cerca de 2,2 toneladas por hectare. Apesar da queda em 2017, principalmente explicada por fatores climáticos, a expectativa é de que a safra feche 2018 em ritmo de crescimento, com produção de 5,1 milhões de toneladas, ganho de 20,6% em relação ao ano anterior, além disso aumento de 6,17% na área plantada e incrementos de 14% na produtividade.

Além do impacto negativo de fatores climáticos sobre a produção brasileira de trigo em 2017 o consumo da farinha de trigo também recuou no Brasil, como mostra Gráfico 4, parte desse comportamento pode ser explicado pela queda do poder aquisitivo no Brasil alterando os padrões de consumo da população, principalmente em relação ao consumo de alimentos com maior valor agregado.

Gráfico 04

CONSUMO DE TRIGO NO BRASIL DURANTE 2011 E 2018* (EM MILHÕES DE TONELADAS)



*Estimativa em agosto/2018.

Fonte: Conab.¹¹

11- Disponível em: www.conab.gov.br.

Durante o período analisado o pico de consumo se deu em 2016, onde foram consumidos cerca de 11,5 milhões de toneladas de trigo, em 2017 o consumo foi reduzido para pouco menos de 11 milhões, mas a expectativa é de que em 2018 o consumo volte a crescer, ultrapassando os 11 milhões de toneladas, dos quais 5,14 milhões são produzidos internamente e a região Centro-Sul do país responde por praticamente toda a produção, como mostra o Gráfico 5.

Gráfico 05

PRODUÇÃO DE TRIGO NOS ESTADOS BRASILEIROS PARA 2016, 2017 E 2018* (EM MILHÕES TONELADAS)





*Estimativa em agosto/2018.

Fonte: Conab¹² - Elaboração GV Agro.

As áreas de cultivo do trigo estão distribuídas nas regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, onde o Sul do país é responsável pelo maior volume de produção. Durante o ano de 2016 essa região respondeu por 91,11% de toda a produção brasileira, o equivalente a 6,13 milhões de toneladas. O estado do Paraná foi o principal produtor, responsável por 50,7% de toda a produção nacional, 3,41 milhões de toneladas, seguido pelo Rio Grande do Sul que respondeu por 37,12% da produção nacional, cerca de 2,5 milhões de toneladas.

Durante o ano de 2017 a região Sul foi responsável por mais de 85% da produção nacional, cerca de 3,64 milhões de toneladas. Os estados do Paraná e Rio Grande do Sul foram responsáveis por 52% e 30% da produção nacional, respectivamente. Juntos os estados produziram 3,5 milhões de toneladas de trigo.

As estimativas da Conab são de que em 2018 sejam produzidos 5,14 milhões de toneladas de trigo e a região Sul ficaria responsável por cerca de 89% dessa produção, 4,6 milhões de toneladas. Espera-se que o estado do Paraná detenha mais de 57% do volume produzido nacionalmente, ou seja, cerca de 3 milhões de toneladas, seguido do Rio Grande do Sul com 28% da produção nacional, 1,4 milhões de toneladas.

O trigo é um dos cereais mais produzidos no mundo e possui larga adaptação edafoclimática. No Brasil a grande representatividade do trigo na região Sul do país está ligada à

essas características, já que o grão se desenvolve melhor quando recebe temperaturas do ar relativamente baixas na primeira parte do seu ciclo e essa região, com clima mais próximo do temperado, favoreceu a expansão do cultivo. Mas apesar do bom desempenho da região Sul do Brasil, mundialmente o Brasil não se enquadra entre os maiores produtores mundiais, como mostra a Tabela 1.

Tabela 01
PRODUÇÃO MUNDIAL DE TRIGO, PARA A SAFRA 2017/2018 (EM MILHÕES DE TONELADAS)

PAÍS	VOLUME	(%)
UNIÃO EUROPEIA	152	20,01%
CHINA	130	17,12%
ÍNDIA	99	13,00%
RÚSSIA	85	11,21%
ESTADOS UNIDOS	47	6,25%
CANADÁ	30	3,96%
UCRÂNIA	27	3,56%
PAQUISTÃO	27	3,52%
AUSTRÁLIA	21	2,81%
TURQUIA	21	2,77%
OUTROS	120	15,80%
MUNDO	758	100%

Fonte: USDA.¹³

Atualmente o papel de maior produtor mundial é da União Europeia, que detém 20% do total produzido, cerca de 152 milhões de toneladas, seguida por China, Índia Rússia e Estados Unidos. Juntas esses países são responsáveis por cerca de 68% da produção mundial de trigo. Apesar desses 5 países serem detentores da maior parcela da produção mundial

13- Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

de trigo, nem todas se configuram como as mais produtivas. Apenas União Europeia e China estão entre as regiões de maior produtividade mundial, como mostra a Tabela 2.

Tabela 02

PRODUTIVIDADE MUNDIAL DE TRIGO PARA A SAFRA 2017/2018 (EM TONELADAS POR HECTARE)

PAÍS	PRODUTIVIDADE
NOVA ZELÂNDIA	9,98
ZÂMBIA	7,19
EGITO	6,40
CHILE	6,20
SUÍÇA	6,00
NAMÍBIA	6,00
UNIÃO EUROPEIA	5,76
CHINA	5,41
NORUEGA	5,33
MÉXICO	5,30

Fonte: USDA.¹⁴

O país que apresenta maior produtividade é a nova Zelândia, com produção de cerca de 10 toneladas por hectare. Essa variação é grande entre os países e inclusive entre continentes. O clima temperado, de regiões como a Europa Central, mostra-se mais propício para o desenvolvimento dessa cultura, ao passo que regiões com condições climáticas mais extremas, como secas ou temperaturas muito frias, enfrentam maiores dificuldades.

Os grandes produtores mundiais de trigo também são responsáveis pela maior parte da área plantada, como mostra a Tabela 3. Dentre as 10 regiões que figuram entre as maiores produções mundiais de trigo, 8 detêm também a maior área plantada, com exceção

14- Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

do Cazaquistão e Canadá, denotando baixa produtividade nesses dois países.

A Índia é o país responsável pela maior porção de área plantada mundial de trigo, com 30,8 milhões de hectares, 14% do total, seguida pela Rússia, União Europeia e China. Juntas essas quatro regiões detêm cerca de 108 milhões de hectares plantado com trigo, o que corresponde a cerca de 50% do total mundial.

Tabela 03

ÁREA MUNDIAL PLANTADA DE TRIGO, PARA A SAFRA 2017/2018 (EM MILHÕES DE HECTARES)

PAÍS	ÁREA	(%)
ÍNDIA	30,8	14,02
RÚSSIA	27,3	12,46
UNIÃO EUROPEIA	26,3	11,99
CHINA	24,0	10,93
ESTADOS UNIDOS	15,2	6,93
AUSTRÁLIA	12,3	5,58
CAZAQUISTÃO	11,9	5,43
CANADÁ	9,0	4,10
PAQUISTÃO	9,0	4,09
TURQUIA	7,8	3,55
OUTROS	45,9	20,92
MUNDO	219,5	100,00

Fonte: USDA.¹⁵

Os dados apresentados mostram que o Brasil, além de não figurar entre os players da produção de trigo, não está também entre os países mais produtivos. Apesar desse cenário, desde de 2006, em que se atingiu 2,23 milhões de toneladas, a produção do grão

15- Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

vem crescendo. Apesar de algumas oscilações ao longo dos anos, desde 2007, em que se atingiu o nível de produção de 4,1 milhões de toneladas, os níveis se mantiveram superiores ao volume atingido em 2006 e, além disso também superaram anualmente 4 milhões de toneladas. O mesmo padrão é visto para a produtividade brasileira, em 2006 foram produzidos em média 1,2 toneladas do grão por hectare e desde então a taxa foi crescente e se manteve anualmente sempre acima de 2 toneladas por hectare.

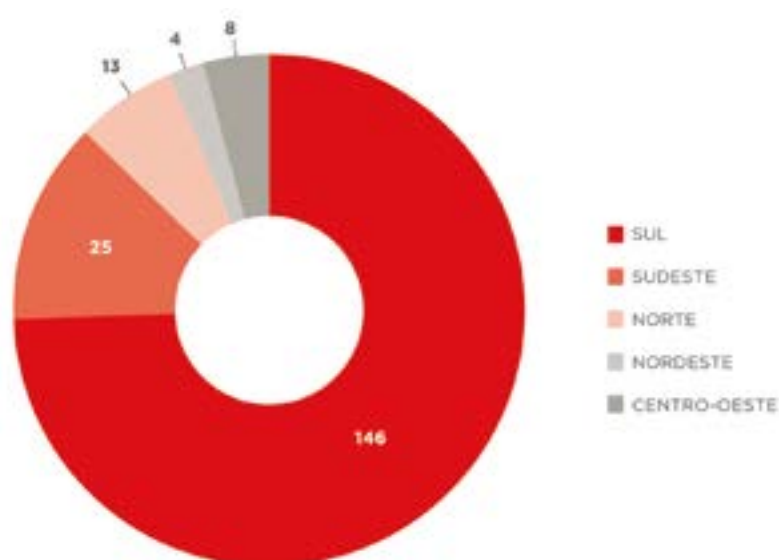
Mesmo com dados otimistas de produção e produtividade crescente, o Brasil é caracterizado como um país importador de trigo, principalmente para abastecer a indústria que utiliza o grão como matéria prima de muitos produtos que compõem a cesta básica do consumidor brasileiro, como massas e pães. Para tal há a necessidade de análise de toda a cadeia produtiva.

1.2 PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO TRIGO

Para estabelecer a análise da cadeia industrial do trigo um importante fator a se considerar são os moinhos, já que o trigo é um cereal o qual a forma usual é a farinha. Além da produção de trigo se concentrar na região Sul do país, o número de moinhos também ocorre em sua maior parte nessa região, como mostra o Gráfico 6.

Gráfico 06

ESTIMATIVA DE MOINHOS EM ATIVIDADE NO BRASIL EM 2016



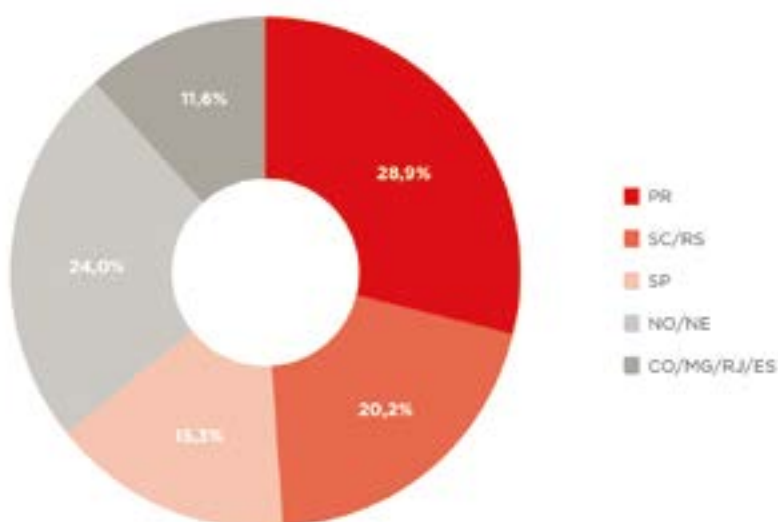
Fonte: Abitrigo.¹⁶

16- Disponível em: <http://www.abitrigo.com.br>

Apesar dessa concentração de cerca de 74,5% do número de moinhos estar na região Sul do país, a capacidade de moagem se distribui mais pelas regiões do país. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são responsáveis por cerca de 49,1% do total, como mostra o Gráfico 7. As regiões Norte e Nordeste juntas representam cerca de 24%. Outros 15,3% ficam concentrados apenas no estado de São Paulo e os 11,6% restante estão distribuídos entre os demais estados da região Sudeste e o Centro Oeste.

Gráfico 07

ESTIMATIVA DA MOAGEM DE TRIGO POR REGIÃO BRASILEIRA EM 2017



Fonte: Abitrigo.¹⁷

A maior distribuição da moagem pelas regiões brasileiras contribui para a produção industrial de trigo. Em 2016 essa produção atingiu o valor de cerca de R\$ 62 bilhões de reais. Esse dado é interessante pois mostra a importância da agregação de valor dessa cadeia.

A produção industrial de biscoitos, bolachas e panetone é a que detém o maior valor da produção, cerca de 20 bilhões de reais com representatividade de 32%, como mostra a Tabela 4.

17- Disponível em: <http://www.abitrigo.com.br>

Tabela 04

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TRIGO E DERIVADOS EM BILHÕES DE REAIS EM 2016

CLASSES DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS E PRODUTOS	VALOR DA PRODUÇÃO	(%)
BISCOITOS, BOLACHAS E PANETONE	20,08	32,28
MOAGEM DE TRIGO E FABRICAÇÃO DE DERIVADOS	14,61	23,49
MASSAS ALIMENTÍCIAS	12,20	19,61
FARINHA DE TRIGO	10,37	16,67
AMIDOS, FÉCULAS, GOMAS OU POLVILHOS	2,14	3,45
OUTROS	2,80	4,50
TOTAL	62,20	100%

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Produto.¹⁸

1.3 COMÉRCIO DO TRIGO BRASIL

Para analisar o volume de vendas do setor será utilizada a Pesquisa Mensal do Comércio - PMC, disponibilizada pelo IBGE.¹⁹ A PMC tem como objetivo acompanhar a conjuntura do setor varejista e seus principais segmentos no Brasil. Para analisar a cadeia industrial do Trigo são utilizados os dados de comércio do setor de alimentos no Brasil, cujos principais indicadores são a receita nominal e o volume de vendas no comércio varejista brasileiro. O público alvo da PMC são empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas e a abrangência é nacional. A escolha desse setor se deu porque para o Brasil não existem dados que permitam fazer um panorama apenas do consumo de trigos e derivados, sendo assim o melhor indicador foi o ramo de “Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo”.

Segundo dados da Pesquisa Anual do Comércio - PAC,²⁰ de 2007 a 2016, Hipermercados e supermercados, e o comércio varejista e por atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, foram as atividade que mais ganharam participação da receita líquida do comércio brasileiro, como mostra o Gráfico 8. Além disso, os números da PAC mostram o período em que a crise econômica passa a exercer influência sobre o setor. Em termos

18- Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6705>

19- Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>

20- Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>

reais, de 2015 para 2016, a receita líquida da atividade de hipermercados e supermercados teve queda de 1,5%, e queda de 0,9% entre 2014 e 2015, mas cresceu 11,7% entre 2013 e 2014, acumulando, no período 2007-2016 um crescimento de 81,4%.

Gráfico 08

AS DEZ MAIORES ATIVIDADES COMERCIAIS NO BRASIL EM 2016



Fonte: IBGE - PAC.²¹

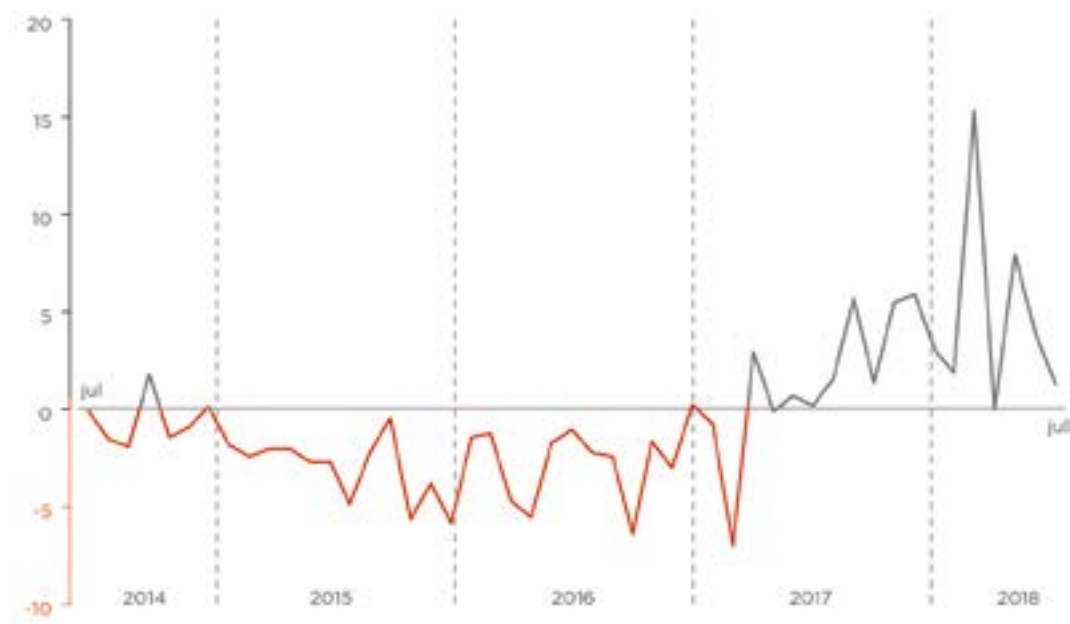
(1) Comércio por atacado de produtos farmacêuticos, perfumaria, cosméticos e artigos médicos, ópticos, ortopédicos, material escritório, papelaria e artigos de uso doméstico.
(2) Comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria, cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos.

O crescimento da participação de alimentos nas atividades comerciais brasileiras se relaciona tanto ao fato da diminuição das demais atividades, quanto ao fato da demanda por alimentos não ser afetada por diminuição da renda, há apenas a substituição de marcas por itens de menor valor.

Mesmo com a participação crescente entre o comércio nacional, o volume de vendas²² desse segmento entre julho de 2014 e julho 2018, de acordo com a PMC, apresentou um longo período de variação negativa acompanhando o movimento da crise econômica, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior, e começou a se recuperar a partir do primeiro semestre de 2017, como mostra o Gráfico 9.

Gráfico 09

VOLUME DE VENDAS NOS HIPERMERCADOS E SUPERMERCADOS BRASILEIROS, EM RELAÇÃO AO MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR, ENTRE 2014 E 2018



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio.²³

22- Receita após descontar a inflação.

23- Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>

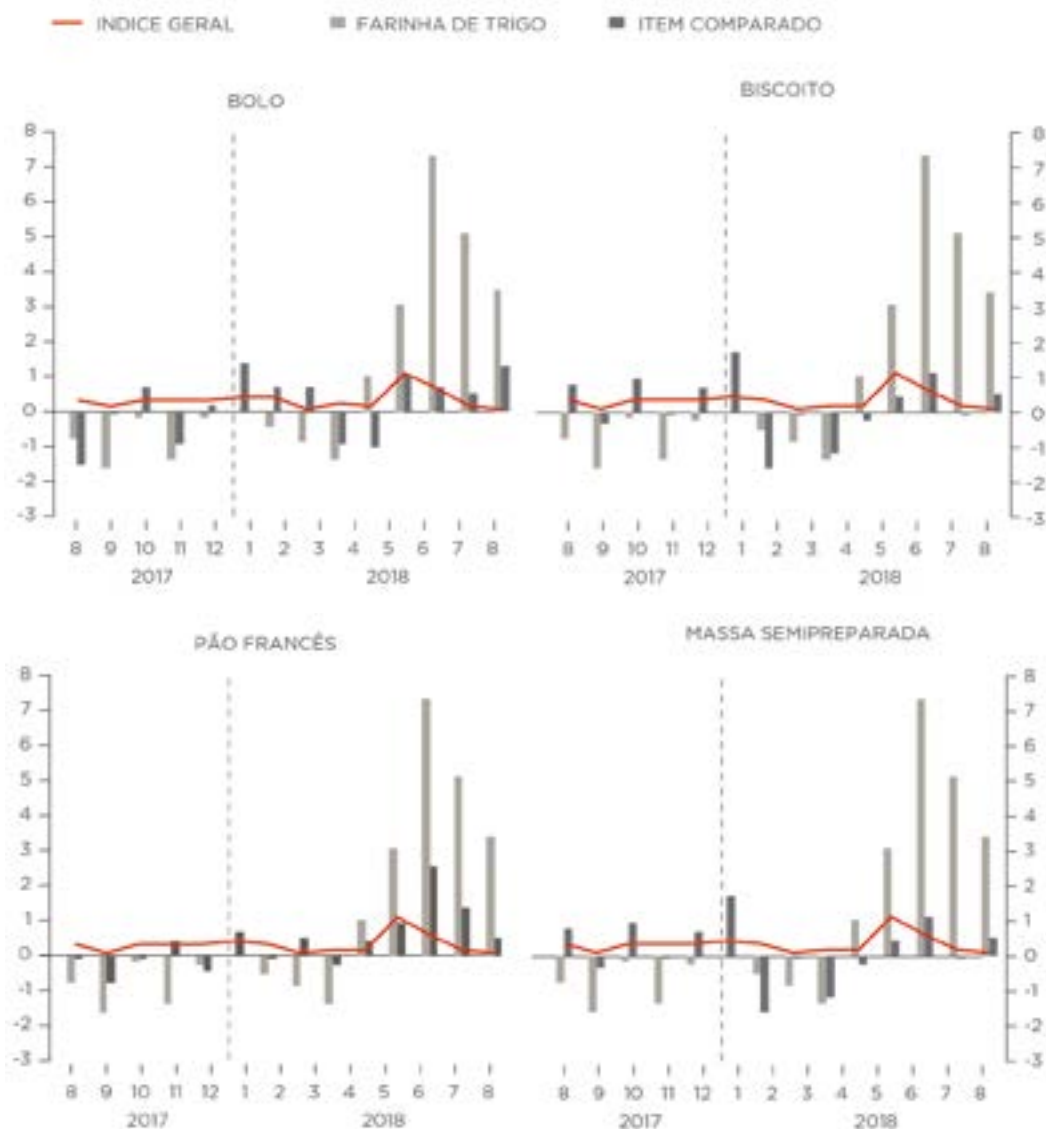
Desde abril de 2017 a variação do volume das vendas nos hipermercados e supermercados brasileiros vem se mantendo positiva, apesar da perda de ritmo desde março de 2018. O desempenho da atividade vem sendo em parte sustentado pela estabilidade da massa de rendimento real e dos preços. Como a atividade de hipermercados é uma atividade básica, ela tem maior capacidade de absorção de renda. Portanto quando há qualquer aumento de renda nas famílias, principalmente as de mais baixa renda, há a conversão em compra de produtos de supermercado. Como o trigo e seus derivados são alimentos fortemente presentes na mesa dos brasileiros, seu consumo pode ser atrelado a variações do volume de vendas de supermercados e hipermercados brasileiros e a forma como seus preços se comportam no mercado nacional.

Como o Brasil é um país importador de trigo um outro fator deve ser levado em consideração ao se analisar o consumo dessa cadeia industrial, a taxa de câmbio. Como o câmbio afeta diretamente o preço final dos derivados do trigo, é possível inferir que mesmo que o mercado do trigo acompanhe o restante do mercado de alimentos no Brasil, seu consumo pode variar mais ou menos dada a variação cambial, já que a oscilação de preços será influenciada por essa variável adicional.

Como apresenta o gráfico 10, entre agosto de 2017 e setembro de 2018 não há fortes oscilações no Índice geral de preços da economia. O consumidor final percebe que as variações no preço do trigo e seus derivados acompanha o movimento do índice, mas com variações mais fortes, que podem ser explicadas pelo aumento do dólar que abriu o ano de 2018 relativamente estável e assim se manteve durante quase todo o 1º semestre, mas diante das incertezas sobre o resultado das eleições presidenciais no Brasil, vem ascendendo durante todo o segundo semestre do ano.

Gráfico 10

PREÇO PAGO PELOS CONSUMIDORES PELOS PRODUTOS DA INDÚSTRIA DO TRIGO
COMPARADO COM O IPCA ENTRE AGOSTO DE 2017 E SETEMBRO DE 2018

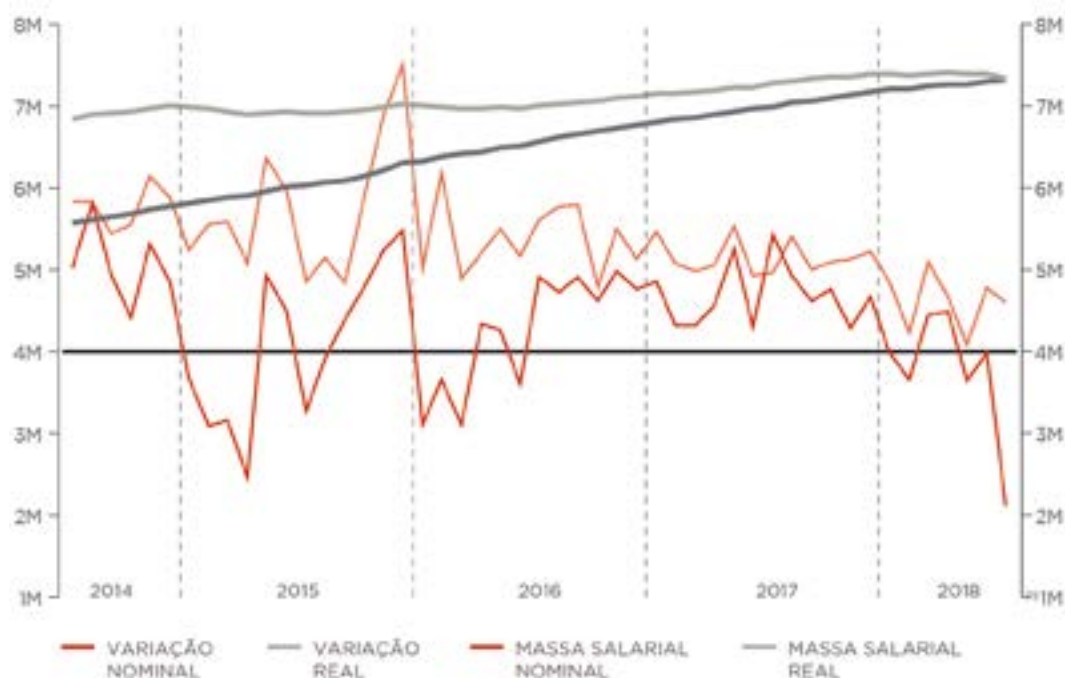


Fonte: Sidra - IBGE.²⁴

Além do preço do trigo e seus derivados, outro fator que afeta seu consumo é a massa salarial real da população brasileira, ou seja, a soma de todos os salários pagos aos trabalhadores durante o ano. No Brasil, entre 2014 e 2016, a massa real manteve-se estável, ou seja, não apresentou crescimento. Mas a partir de 2016 houve crescimento real, explicando assim a elevação do consumo e volume de vendas de alimentos no Brasil.

Gráfico 11

MASSA SALARIAL NOMINAL E REAL EM MILHÕES DE REAIS E SUAS RESPECTIVAS VARIAÇÕES MÊS A MÊS ENTRE 2014 E 2018



Fonte: Banco Central.²⁵

A variação real mostra que quando se deflaciona a série, ou seja, se considera apenas valores reais, descontada a inflação, há uma valorização da massa salarial a partir de 2016. Mesmo havendo essa valorização, ela se dá a taxas decrescentes, portanto há uma tendência de estabilização entre as massas nominal e real. Esse movimento a partir de 2016 pode ser relacionado ao aumento do consumo de alimentos.

25- Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/?serietemp>

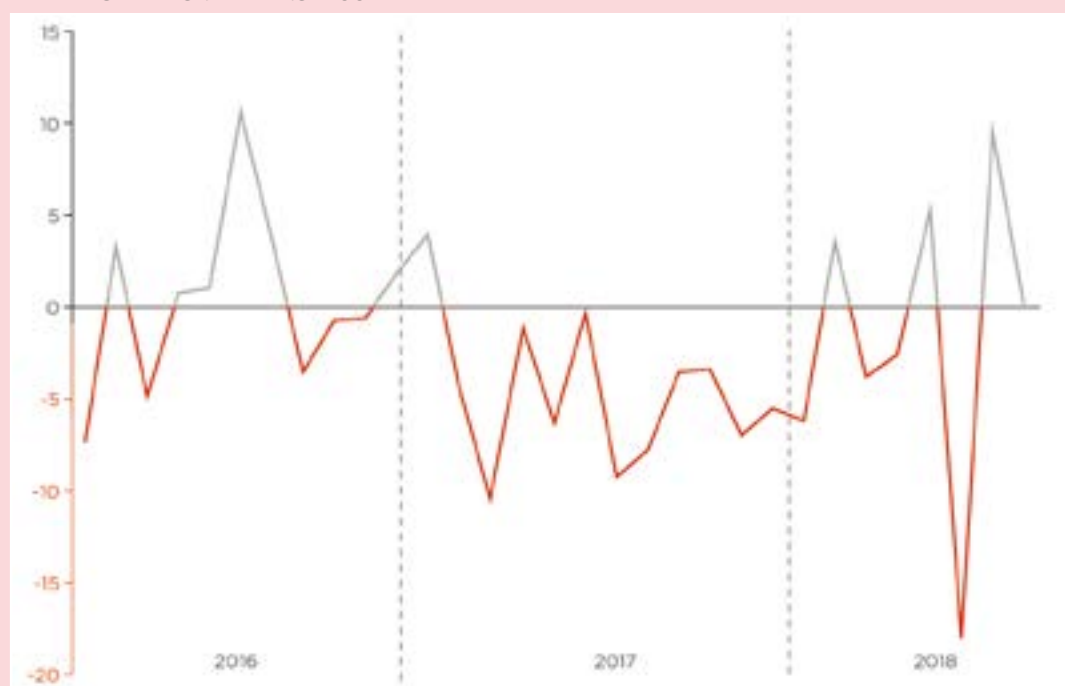
GREVE DOS CAMINHONEIROS E O SETOR DE TRIGO

O mês de maio de 2018 no Brasil foi marcado pelo movimento de greve dos caminhoneiros. Mesmo que de forma descentralizada, o movimento atingiu diversos pontos do país com o bloqueio de estradas e impedimento do transporte de insumos e produtos. O setor agropecuário é extremamente dependente do modal rodoviário de transportes.

O impacto da greve dos caminhoneiros ainda é incerto nos mais diversos segmentos da agropecuária brasileira. De acordo com o Cepea houve limitação na comercialização de trigo no país. Como o consumo de farinha é estável os moinhos do país realizam compras pontuais do grão. As dificuldades de entrega reforçaram a baixa liquidez interna, limitando negociações de curto prazo. Além disso o cenário externo de alta do dólar no período desfavoreceu as importações. Em relação aos derivados, apesar da necessidade de elevar as vendas no final do mês de maio para que metas impostas por algumas empresas fossem atingidas, houve trava na comercialização dos produtos. O gráfico 12 mostra a variação mensal do índice de produção física industrial da cadeia do trigo de janeiro de 2016 a julho de 2018, onde é possível perceber os efeitos da greve dos caminhoneiros em maio de 2018.

Gráfico 12

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL DA CADEIA DO TRIGO ENTRE JANEIRO DE 2016 E JULHO DE 2018 EM ÍNDICE MENSAL DE BASE 100



Fonte: PIM IBGE (2018).²⁶

26- <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-brasil>

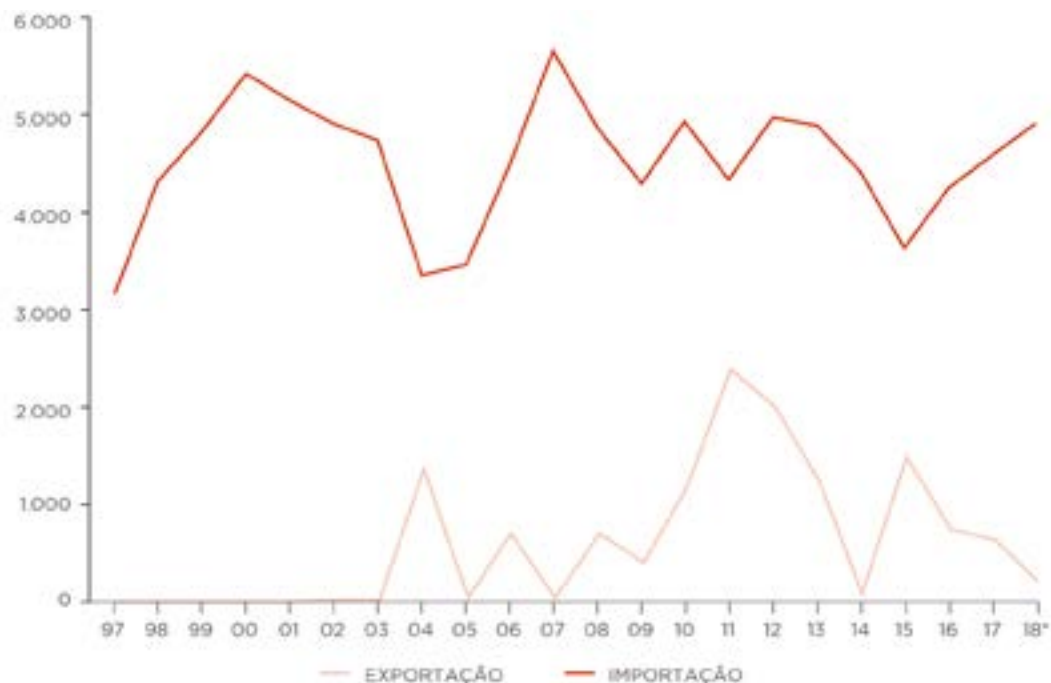
É importante ressaltar que o índice apresentado no Gráfico 8 faz sempre referência ao mesmo mês do ano anterior. Assim, pode-se perceber que em grande parte dos meses de 2017 a variação mensal do índice foi negativa, o que quer dizer que em comparação a 2016 a produção de trigo e derivados estava em retração. A situação começa a melhorar em janeiro de 2018, mas volta a perceber queda nos meses seguintes. O impacto da greve dos caminhoneiros é evidenciado pelo resultado de maio de 2018 que mostra uma queda no índice de 18% em relação ao mesmo período do ano anterior (que também foi negativo, veja maio de 2017). Os resultados definitivos ainda virão durante os próximos meses, mas já começaram a ser sentidos por todo o setor agrícola, portanto é possível inferir que a vulnerabilidade logística e dependência de um único modal representam um dos pontos frágeis dessa cadeia.

2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR DE TRIGO BRASILEIRO

O Agronegócio brasileiro tem contribuído sistematicamente com sucessivos superávits da balança comercial brasileira. A competitividade de diversas cadeias agroindustriais contribui para esse resultado positivo. Apesar desse resultado positivo com relação ao trigo não se verifica o mesmo padrão. A produção brasileira de trigo ocupa o 19º lugar no ranking global, além disso há uma crônica dependência do fornecimento externo definindo ao longo da história como um importador de trigo, como mostra o Gráfico 13.

Gráfico 13

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA DO TRIGO EM MILHÕES DE TONELADAS²⁷



Fonte: Comex Stat (2018).²⁸

O setor de trigo no Brasil sofreu com intervenção do Estado, e mesmo após sua liberalização na década de 1990, não deixou de perceber as marcas deixadas. Inicialmente, na década de 1930, o governo brasileiro concedeu incentivos financeiros afim de deixar a produção de trigo mais atraente para potenciais produtores. Já na década de 1960 houve intervenção direta no setor. Foram estabelecidos preços mínimos ao produtor, com tabelamento de preços de todo o setor, onde o Estado financiaria a diferença entre o maior preço pago ao produtor e o menor preço da venda de produtos.

A importação do trigo em grãos supria apenas a diferença entre a produção e demanda interna e era centralizada pelo governo e distribuída aos moinhos. Durante a década de 1960 ainda houve a criação de um Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional que contribuiu para o surgimento de variedades mais adaptadas. Em 1967 foi oficializado o monopólio estatal de compra e venda do trigo pelo governo, buscando via lei um preço de incentivo ao trigo e elevando a produção nacional.

27- Foram considerados os produtos listados no Anexo 1.

28- Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Produtores já não se preocupavam com a qualidade ou técnicas para a produção, dado que havia garantias de que o Estado iria garantir toda a produção por um valor mínimo. Além disso os moinhos não enfrentavam concorrência, mesmo frente à aumentos de demanda. Com isso houve defasagem da cadeia do trigo, tanto em produtos quanto em tecnologias.

Com a liberalização comercial, em 1990, uma nova lei acabou com o monopólio estatal e, desregulamentando o setor e gerando quebra de muitos produtores, moinhos e empresas.

Com o novo modelo houve geração e crescimento da concorrência, inclusive internacional, além da oferta de produtos diferenciados. A concorrência externa contribuiu para a queda do preço internamente, impactando em queda na produção e salto nas importações, cenário que se manteve ao longo dos anos até a atualidade, como apresentado no Gráfico 13.

O volume de importações de trigo e produtos derivados, majoritariamente, é proveniente da Argentina, Paraguai e Estados Unidos. Juntos esses três países foram responsáveis por pelo menos 90% das importações brasileiras nos últimos anos, como mostra Tabela 5.

Tabela 05

PAÍSES RESPONSÁVEIS PELO VOLUME DE TRIGO E DERIVADOS IMPORTADOS PELO BRASIL EM 2016, 2017 E 2018 (EM MILHÕES DE TONELADAS)

PAÍS	2016		2017		2018	
	VOLUME	(%)	VOLUME	(%)	VOLUME	(%)
ARGENTINA	2.805,44	66,42	3.697,23	80,84	4.319,01	88,33
PARAGUAI	644,33	15,25	397,87	8,70	146,13	2,99
ESTADOS UNIDOS	322,64	7,64	283,81	6,21	174,55	3,57
CANADÁ	46,09	1,09	118,54	2,59	134,49	2,75
URUGUAI	367,20	8,69	33,19	0,73	36,22	0,74
ITÁLIA	13,40	0,32	17,04	0,37	18,37	0,38
ALEMANHA	1,89	0,04	4,89	0,11	4,20	0,09
BÉLGICA	5,48	0,13	4,63	0,10	4,47	0,09
FRANÇA	1,98	0,05	3,38	0,07	8,37	0,17
CHINA	5,68	0,13	2,65	0,06	2,26	0,05
OUTORS PAÍSES	9,83	0,23	10,22	0,22	41,34	0,85
TOTAL	4.223,96	100,00	4.573,44	100,00	4.889,40	100,00

Fonte: Comex Stat (2018).²⁹

Grande parte das importações brasileiras são provenientes da Argentina. Ao longo do tempo a Argentina teve vantagens que colaboraram para essa posição. São elas a não incidência de tarifa de importação para o trigo dentro do Mercosul e o câmbio valorizado. Apesar das alterações no mercado externo e interno e no câmbio, a Argentina nos últimos anos ainda se mantém na posição de principal fornecedora para o Brasil.

A pauta de comércio internacional da indústria do trigo foi construída com base em 24 produtos categorizados pela Nomenclatura Comum do Mercosul (Código NCM) e agregados

29- Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

em 11 grandes categorias, conforme Anexo 2. A Tabela 6 apresenta a participação desses produtos, em forma de importação, na balança comercial brasileira.

Tabela 06

**VOLUME COMERCIAL, EM MILHÕES DE TONELADAS, DOS PRINCIPAIS PRODUTOS
COMERCIALIZADOS INTERNACIONALMENTE PELA INDÚSTRIA BRASILEIRA DO TRIGO**

PRODUTO	EXPORTAÇÃO				IMPORTAÇÃO			
	2017		2018		2017		2018	
	VOLUME	(%)	VOLUME	(%)	VOLUME	(%)	VOLUME	(%)
TRIGO EXCETO PARA SEMEADURA	4.248	92,9	4.589	93,9	577	90,4	165	75,4
FARINHA DE TRIGO E MISTURA	268	5,9	240	4,9	19	3,0	7	3,2
MASSAS	18	0,4	18	0,4	7	1,1	10	4,4
PRODUTOS DE PADARIA, PASTELARIA, INDÚSTRIA DE BISCOITOS	13	0,3	15	0,3	32	5,0	34	15,5
GLÚTEN DE TRIGO, MESMO SECO	11	0,2	14	0,3	0	0,0	0	0,0
GRUMOS E SÊMOLAS, DE TRIGO	13	0,3	12	0,3	0	0,0	0	0,0
AMIDO DE TRIGO	1	0,0	1	0,0	0	0,0	0	0,0
SÊMEAS E OUTROS RESÍDUOS, DE TRIGO	1	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
TRIGO PARA SEMEADURA	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,3
PÃES E PANETONE	0	0,0	0	0,0	3	0,5	2	1,0
FARELO DE TRIGO	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
TOTAL	4.573	100	4.889	100	637,96	100	218,45	100

Fonte: Comex Stat (2018).³⁰

Trigo e farinha de trigo compõem quase 100% do volume de produtos importados por esse segmento no Brasil. Boa parte do volume exportado pelo Brasil também é composto por trigo e farinha, mas vale destacar o volume de massas e produtos de padaria enviados ao exterior, em 2017 essas categorias foram responsáveis por 6,6% do volume de exportados e em 2018 já equivalem à cerca de 20% do volume exportado até o momento. Considerando que são produtos que tem como insumo a farinha de trigo, o aumento do volume de exportações desses segmentos mostra que é possível atingir uma fatia representativa do mercado com produtos de maior valor agregado.

3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE TRIGO NO BRASIL

Um dos motivos que explicam o grande volume de importações de trigo está relacionado à fatores climáticos. No Brasil a produção de trigo está concentrada na região Sul do país, região de clima mais temperado e que favorece esse cultivo. Entretanto essa região também passa por intempéries climáticas, principalmente geadas, o que pode comprometer safras.

Além da dependência do clima, a qualidade do solo apresenta-se como outro fator limitador à produção no Brasil. A qualidade do solo brasileira fica aquém, se comparado com grandes produtores, como a Argentina. A cultura do trigo exige elevada quantidade de matéria orgânica incorporada ao solo, há a necessidade de um alto consumo de fertilizantes, o que se torna um dos principais custos da produção. A elevação dos custos faz o trigo nacional perder competitividade junto ao mercado externo.

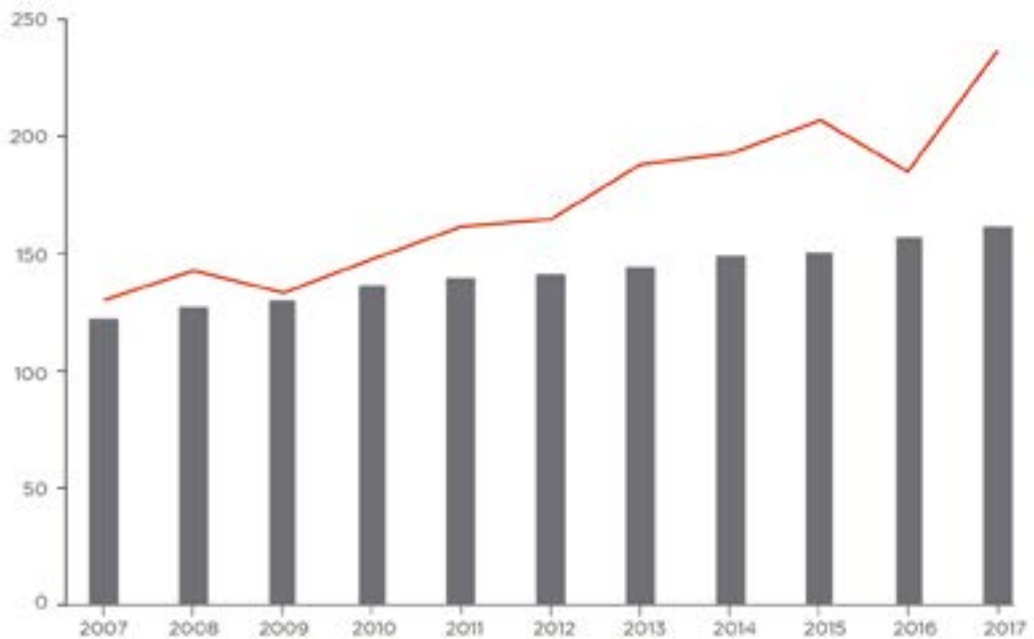
Além dos problemas climáticos e da necessidade de utilizar fertilizantes devido às deficiências do solo, nacionalmente ainda se enfrenta o problema de infraestrutura e logística. Há ineficiência da malha de transportes além de capacidade de armazenagem pouco eficientes para atender o setor produtivo.

O armazenamento do trigo é um fator relevante, onde é criada a oportunidade da estocagem do produto tanto para aguardar preços mais competitivos, quanto para preservar a qualidade do produto e evitando exposição à umidade ou a outros danos. Quando não há espaço para armazenagem o produtor precisa comercializar o produto mais rapidamente, podendo perder capacidade de negociação.

No Brasil durante a última década, a capacidade de armazenamento de grãos tem ficado aquém da produção, como mostra o Gráfico 14. Além do déficit de armazenagem, a distribuição desses armazéns é feita de forma desigual no Brasil, acentuando as disparidades regionais do país.

Gráfico 14

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO DE GRÃOS NO BRASIL DURANTE 2007 E 2017 (EM MILHÕES DE TONELADAS)



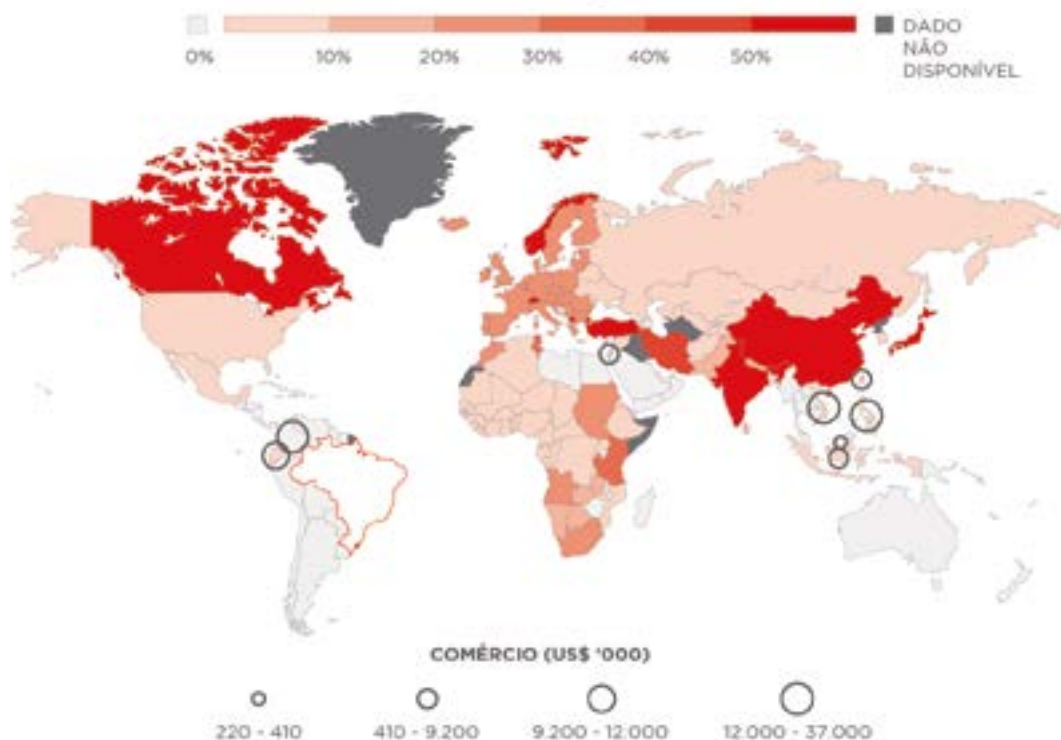
Fonte: Conab.³¹

Os maiores problemas enfrentados pelos produtores de trigo apresentam-se internamente. Em relação ao mercado externo, apesar de encontrar um certo nível de protecionismo, apenas 8 países impõem barreiras de comércio à indústria do trigo brasileira.

31- Disponível em: <https://www.conab.gov.br>

Figura 01

NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS AO TRIGO BRASILEIRO NO MERCADO INTERNACIONAL



Fonte: Adaptado de Macmap (2018).³²

São eles por ordem da menor para a maior barreira Malásia, Taiwan, Israel, Indonésia, Equador, Colômbia, Vietnã e Filipinas. Além disso outros países como Canadá, China, Índia, Turquia, Noruega e Japão.

Portanto fica claro que para atingir o setor externo há a necessidade de investimento em pesquisa para melhorar a qualidade do grão frente às intempéries climáticas, além de ajuda-lo a suportar as temperaturas mais altas presentes nas demais regiões brasileiras e adaptar-se melhor ao solo. Além disso há a necessidade de redução de custo de fertilizantes para auxiliar na redução dos custos da produção tornando a indústria nacional mais competitiva. Assim será possível produzir insumo suficiente para abastecer o mercado interno.

Também há a necessidade de focar em infraestrutura e logística, para que o Brasil seja capaz de transportar e armazenar melhor seus grãos e para que eventos como a greve dos caminhoneiros não impactem tão negativamente toda a cadeia produtiva, revelando a vulnerabilidade do segmento.

32- Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>



ANEXO 1

APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM

CÓDIGO NCM	DESCRIÇÃO NCM
11081100	Amido de trigo
19059020	Bolachas
19053100	Bolachas e biscoitos, adicionados de edulcorante
23023010	Farelo de trigo
11010020	Farinha de mistura de trigo com centeio (métel)
11010010	Farinha de trigo
11090000	Glúten de trigo, mesmo seco
11031100	Grumos e sêmolas, de trigo
19021100	Massas alimentícias não cozidas, nem recheadas, nem preparadas de outro modo, que contenham ovos
19022000	Massas alimentícias recheadas (mesmo cozidas ou preparadas de outro modo)
19023000	Outras massas alimentícias
19021900	Outras massas alimentícias não cozidas, nem recheadas, nem preparadas de outro modo
19059090	Outros produtos de padaria, pastelaria, indústria de biscoitos, etc
10019900	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura
10019100	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, para semeadura
19052010	Panetone
19059010	Pão de forma
23023090	Sêmeas e outros resíduos, de trigo
19054000	Torradas, pão torrado e produtos semelhantes torrados
10019090	Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio
10011900	Trigo duro, exceto para semeadura
10011100	Trigo duro, para semeadura
19053200	Waffles e wafers

ANEXO 2

AGREGAÇÃO DOS 23 PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMENCLATURA COMUM DO SUL - NCM E SUA PARTICIPAÇÃO NA PAUTA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

CATEGORIA	NCM	DESCRIÇÃO NCM
Trigo exceto para semente	10019900	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semente
	10011900	Trigo duro, exceto para semente
	10019090	Trigo (exceto trigo duro ou para semente), e trigo com centeio
Farinha de trigo e mistura	11010020	Farinha de mistura de trigo com centeio (métel)
	11010010	Farinha de trigo
Massas	19021900	Outras massas alimentícias não cozidas, nem recheadas, nem preparadas de outro modo
	19023000	Outras massas alimentícias
	19022000	Massas alimentícias recheadas (mesmo cozidas ou preparadas de outro modo)
	19021100	Massas alimentícias não cozidas, nem recheadas, nem preparadas de outro modo, que contenham ovos
Produtos de padaria, pastelaria, indústria de biscoitos	19053200	Waffles e wafers
	19059090	Outros produtos de padaria, pastelaria, indústria de biscoitos.
	19053100	Bolachas e biscoitos, adicionados de edulcorante
	19059020	Bolachas
Glúten	11090000	Glúten de trigo, mesmo seco
Grumos e sêmolos	11031100	Grumos e sêmolos, de trigo
Amido	11081100	Amido de trigo
Sêneas e outros resíduos	23023090	Sêneas e outros resíduos, de trigo
Trigo para semente	10011100	Trigo duro, para semente
	10019100	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, para semente
Pães e panetone	19059010	Pão de forma
	19054000	Torradas, pão torrado e produtos semelhantes torrados
	19052010	Panetone
Farelo de trigo	23023010	Farelo de trigo

ANEXO 3

LISTA DE ABREVIACÕES

ACRÔNIMO	DESCRIÇÃO
ABTRIGO	Associação Brasileira das Indústrias de Trigo
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
UE	União Europeia.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
NCM	Nomenclatura Comum do Sul
PAC	Pesquisa Anual de Comércio
PIM	Pesquisa Industrial Mensal
PPM	Pesquisa Pecuária Municipal



RIO DE JANEIRO

Praia de Botafogo 190/6º andar

Tel.: +55 21 3799.5498

Fax.: +55 21 2553.8810

SÃO PAULO

Av. Paulista 1294/15º andar

Tel.: +55 11 3799.4170

Fax.: +55 11 3262.3569

www.fgv.br/fgvprojetos